

## Encorajando a diversidade sexual nas aulas de inglês

Dolores Aronovich Agüero (UFSC – CNPq)  
Maria Isabel de Castro Lima (UFSC)

Como professoras de inglês com experiência em ensinar adolescentes, vez por outra ouvimos comentários machistas e homofóbicos que, como educadoras, não nos permitimos ignorar. Pensando em combater o preconceito que, ora através do silêncio, ora através da concordância quase unânime dos colegas e até das professoras, se instala em sala de aula, desenvolvemos uma série de atividades que trazem a discussão sobre a diversidade e a tolerância sexual para dentro da sala. Afinal, não estamos ensinando apenas inglês. Queremos que nossos alunos sejam levados a refletir sobre suas vivências e seus preconceitos dentro e fora da sala de aula. É fundamental que tanto alunos quanto professoras<sup>1</sup> sejam instigados a pensar fora de um padrão que não aceita diferenças.

Apesar de lidarmos com um público e um ambiente que podem ser diversos àqueles regidos pelos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, sempre convém mencionar o que se espera da escola, e nisso entra qualquer escola, seja ela pública, particular, ou de ensino de idiomas. Segundo os PCNs, a escola deve formar o cidadão para o mundo novo, para a nova sociedade advinda da globalização. Devemos educar para a diversidade.

Para abordarmos o tema da homossexualidade na escola, é necessário discutir o que significa o termo “heteronormatividade”<sup>2</sup>. O poder dominante sempre buscou manter o

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, de forma arbitrária, adotaremos *alunos* para falar de alunos e alunas em geral, e *professoras* ao tratar de professores e professoras, já que a maioria dos professores é formada por educadoras do sexo feminino.

<sup>2</sup> Segundo Katz, o termo “heterossexualidade” e sua conseqüente contrapartida “homossexualidade”, foi inventado pelo discurso médico em fins do século XIX e reforçado no início do século XX, coroando o intento de maior controle das pessoas e de seus corpos pelo poder dominante. Isso não significa que a sexualidade não tenha sido controlada desde sempre. Mas a forma binária heterossexual/homossexual como a conhecemos hoje, porém, deu-se a partir da invenção desses termos (Katz 1996:33).

controle social através do controle da sexualidade.<sup>3</sup> Durante a formação dos Estados, com a consolidação da burguesia e posteriormente com a revolução industrial, a sociedade necessitava homens e crianças para as guerras e para o trabalho, cabendo às mulheres garantir a continuidade da espécie e a organização familiar. Dessa forma, unindo o discurso religioso (toda relação com fins não-reprodutivos é pecaminosa)<sup>4</sup>, o médico (as mulheres foram feitas para a reprodução) e o oficial (punem-se as relações fora dos padrões estabelecidos pelos discursos médicos e religiosos), o poder garantiu, durante os últimos séculos, a estrutura social, política e econômica que lhe interessava. Mostrando normas “corretas” de conduta sexual, o poder dominante penalizou a conduta homossexual como pecaminosa e criminosa, “heteronormatizou” o comportamento sexual dos seres humanos.

Quanto às diferenças de gênero, vemos que a escola, malgrado os esforços pedagógicos de aproximar os universos feminino e masculino, ainda transmite, mesmo que algumas vezes de maneira pouco perceptível, os valores de séculos passados. Ela perpetua a heteronormatização dentro das relações escolares. Por exemplo, quando se trata da homossexualidade feminina ou masculina, fica evidente a maior ou menor tolerância social. Meninos e meninas, anteriormente separados por uma escola homossocial, hoje usufruem o mesmo espaço, lutam pela mesma carteira, jogam a mesma bola – embora meninos não brinquem com a mesma boneca. Se o menino brincar com a boneca, será “afeminado”. Se ele tiver qualquer comportamento “típico” do sexo feminino, será discriminado, pois

---

<sup>3</sup> A sexualidade tem sido regulada ao longo dos séculos de maneira sempre a servir a dois propósitos: a continuidade do poder masculino e a manutenção da organização social, onde poucos mandam e muitos obedecem sem questionamento.

<sup>4</sup> Para o catolicismo, a sexualidade deve restringir-se à função procriadora. Marilena Chauí diz que embora o sexo esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas pecados ainda maiores. Assim, estão condenadas todas as atividades sexuais sem função reprodutiva, como a masturbação, a homossexualidade, sexo oral e anal, coito interrompido e voyeurismo (1984:78).

homossexuais subvertem as relações de poder. Em nossa sociedade, cujo poder está nas mãos do masculino, o gay não é bem aceito, pois passa a ser, desde esse ponto de vista, um homem-objeto (dominado, passivo), não mais homem-sujeito (dominador, ativo) que deveria ser.

Enquanto os meninos recebem dos livros escolares, de seus pais e de seus mestres a formação do “homem”, do valente lutador, do sujeito de sua história, as meninas continuam recebendo a formação da “mulher”, de mulher-objeto (dominada, passiva, a que “recebe” o pênis), com suas crises de choro, sua fragilidade feminina e suas crises pré-menstruais. Os meninos podem chutar-se, esmurrar-se ou divertir-se fazendo artes pela escola, mas este comportamento é reprovável para meninas. Estas agarram-se, se alisam, cochicham, beijam-se (e certamente tal comportamento não será tolerado de meninos), o que é considerado, pela administração escolar e pelos educadores, como típico de uma fase da formação de suas personalidades. Na realidade tal comportamento só é visto com tolerância porque a sociedade está certa de que esta é uma fase feminina. Passadas essas experiências da adolescência, essas meninas se voltarão ao sexo masculino para exercerem sua “real” sexualidade (ou seja, a que existe quando estão envolvidos um pênis e uma vagina) com o sexo oposto. Enfim, a questão da sexualidade só é discutida na escola em função da heteronormatividade. O resto é silenciado.

Portanto, infelizmente, dentro da escola há muitas questões que são “varridas para debaixo do tapete”. O ambiente escolar, além de não construir igualdades, silencia diferenças. A diversidade deveria estar em pauta quando se trata de educação, e os PCNs defendem essa postura, mas o que vemos na realidade não mostra que a discriminação de maneira geral esteja sendo abordada com eficácia: a escola ignora as diversas variedades lingüísticas e as diferenças culturais e regionais, as diferenças sociais dentro do mesmo

ambiente, crianças que “têm” e crianças que “não têm”, crianças de peles diferentes, de diferentes religiões e culturas. A discriminação sexual muitas vezes não ocorre de forma verbal, mas através de silêncios e silenciamentos de algo que deveria ser discutido mais abertamente.

Em *As Formas do Silêncio*, Eni Orlandi discute que o silêncio é “matéria fundante, é matéria significante por excelência” (1984:71). O fato de não se materializar o discurso através da linguagem não implica que haja um vazio de significado. Ao contrário, silêncio não quer dizer falta de sentido, o silêncio é uma maneira de “estar no sentido”, e silenciar algo significa mostrar a produção de sentidos silenciados.

Há o *silêncio fundador* e a *política do silêncio*. O *silêncio fundador* é o princípio de toda significação. O silêncio não significa o vazio, aquilo que não tem sentido; ao contrário, ele é o “indício de uma totalidade significativa”. Já a *política do silêncio* se subdivide em *silêncio constitutivo* e *silêncio local*. O silêncio constitutivo é o que pertence à própria ordem de produção do sentido, ou seja, se diz uma coisa para não dizer outra (que é o não-dito excluído). O silêncio local é a interdição do dizer, por exemplo, a censura.

Ao silenciar sobre um tema, não se está indicando para um sentido implícito, mas sim para outros tantos sentidos que se tornam evidentes a partir desse silêncio. Vários significados se descortinam por trás deste: por exemplo, quando se trata da homossexualidade no ambiente escolar e no silêncio da professora sobre o tema, pode-se encontrar homofobia ou desconhecimento, assim como pode-se pensar que há temor de uma reação negativa dos pais, ou mesmo que a professora seja homossexual e não queira abordar o assunto para que não se pense que está advogando em causa própria. Porque no silêncio os sentidos “são dispersos, eles se desenvolvem em todas as direções”. Enfim, o

silêncio significa, e muito. Significa, no presente caso, que há algo errado, que deve ficar encoberto pelo não-dito.

Segundo Orlandi, o silêncio é necessário à significação. No contexto da homossexualidade, quando as professoras não discutem sobre a discriminação, elas estão significando muitas coisas, e estes significados podem estar apontando para os sentidos que a sociedade espera. Em outras palavras, o silêncio pode ser a não materialização do discurso heteronormativo, que está como significado maior desse silêncio fundador.

De acordo com a lingüista, a censura funciona do lado da opressão. Como sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo no discurso, ao se proibir certas palavras, proíbe-se o sujeito de ocupar certas posições. Esse é o mecanismo da censura. E como, segundo a autora, o silenciamento é parte da experiência de identidade, sentimos que não só a professora constituirá sua prática escolar a partir desse interdito, como o homossexual construirá sua identidade no silêncio a que é relegada sua condição, aprendendo a fingir, a enganar, a mentir.

Ao mesmo tempo em que o discurso governamental aponta para a tolerância, para os direitos civis e para a não-discriminação do homossexual, não podemos nos esquecer que a maioria da população brasileira se diz católica, apostólica, romana, devendo seguir e professar os dogmas e crenças de sua religião. Profundamente enraizada nessa sociedade está a crença do sexo como pecado e da sexualidade não reprodutiva como pecado maior. Para a Igreja Católica, o homossexualismo é contrário “à lei natural”. Mas a Igreja aceita os gays e lésbicas, desde que eles não exerçam sua sexualidade. Se permanecerem castos até o fim da vida, os homossexuais podem se aproximar da fé. Mesmo que o número de católicos no Brasil venha diminuindo a passos largos, uma porcentagem está sendo substituída por seguidores de igrejas evangélicas, que conseguem ser ainda mais discriminatórios contra

gays e lésbicas do que os católicos. Mesmo que a escola quisesse, seria difícil para ela se contrapor à uma maioria esmagadora de seguidores de religiões que, em pleno século XXI, seguem estigmatizando e recusando o homossexual (ou aceitando-o apenas se ele for casto). Ainda assim, a escola deve tentar, e precisa manter-se leiga, separando sempre o Estado de qualquer religião, para incentivar a discussão e ensinar a tolerância que pode faltar aos alunos no seu convívio familiar e religioso.

A fim de combater essa postura de silêncio e censura, o governo federal lançou em 2004 a cartilha “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”, uma publicação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, do Ministério da Saúde. O programa tem entre seus objetivos “promover a cidadania de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais, a partir da equiparação de direitos e do combate à violência e à discriminação homofóbicas, respeitando a especificidade de cada um desses grupos populacionais” (2004: 11). O programa tenta envolver todos os participantes da escola, não apenas os alunos, já que uma pesquisa realizada pela UNESCO com estudantes brasileiros do ensino fundamental revela que “os professores não apenas tendem a se silenciar frente à homofobia, mas, muitas vezes, colaboram ativamente na reprodução de tal violência” (2004:11).

Já que silenciar frente aos preconceitos equivale a reforçá-los, tentamos não repetir o erro em nossas aulas de inglês. A homofobia é muito forte, principalmente entre os adolescentes do sexo masculino, que se utilizam de um discurso preconceituoso até como forma de identidade, para provarem uns aos outros que entendem o que é “certo” e “errado”. Por isso, tratamos de envolver nossos alunos em atividades que permitam levar à

reflexão. Buscamos inquietar as convicções sobre a identidade, o estereótipo, e mostrar os problemas desse olhar heteronormativo.

Com *As Horas*, discutimos gênero, estereótipos e discriminação, embasando-nos em algumas teorias feministas pós-estruturalistas, que questionam a identidade fixa e mostram que todo texto tem um subtexto que emerge, e buscamos então levantar questões sobre esse subtexto—que para nós é o fixar da heteronormatividade em nosso imaginário através do repúdio não discutido do beijo das irmãs, do suicídio do amigo de Clarissa, da AIDS, da relação de Clarissa e sua companheira, por exemplo—a partir do olhar que cada um lança a esse tema no filme. No caso de *As Horas*, pedimos que os alunos vejam o filme em suas casas. Em sala de aula, eles devem se reunir em grupos pequenos e escrever questões que considerem relevantes. Muitas vezes os alunos não mencionam a questão da sexualidade, ou menciona rapidamente, com estranheza (por exemplo, o beijo que a personagem Virginia dá em sua irmã), ou o beijo que Laura dá em sua vizinha. Normalmente a palavra “lesbianismo” não é mencionada. Se os alunos silenciam sobre esse tema, seu silêncio se torna uma boa porta de entrada para algumas discussões. Primeiro partimos das perguntas feitas pelo alunado, e alguns aspectos estruturais que poderiam ser relevantes para seu nível de conhecimento da língua. Depois direcionamos perguntas, ou damos frases sérias e outras estereotipadas, para que a discussão sobre a sexualidade, em especial o lesbianismo, venha à tona. A partir daí os alunos se reúnem em grupos pequenos e pedimos que levantem apenas questões voltadas para gênero, papéis sexuais, sexualidade e lesbianismo. Na hora da apresentação das questões e das respectivas discussões, apresentamos algumas frases sobre o silêncio. A sexualidade é um tema tabu, e o silêncio do alunado já deixa transbordar o subtexto de seu silenciamento, ou seja, há uma interdição sobre esse tema, o lesbianismo:

este é invisibilizado, ou fetichizado. Então o que podemos ver através da fresta é até nosso próprio preconceito arraigado.

Numa abordagem comunicativa em um curso de língua estrangeira é crucial que o alunado aprenda a se expressar de forma adequada, e estes exercícios de discussão de temas tão polêmicos e tão importantes quanto gênero, sexualidade e homossexualidade serão enriquecedores não apenas no sentido de provê-los de um instrumental lingüístico, como expressões e estruturas, mas também como indivíduos inseridos em uma sociedade, constituindo e respeitando a diversidade. Na introdução de *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*, Almeida Filho comenta sobre as várias faces com a qual se apresenta o ensino comunicativo:

Os participantes da interação social são sujeitos históricos cujas trajetórias se aliam a capacidades intrínsecas distintas para modular a construção do discurso, geralmente num processo de negociação cujo objetivo é alcançar a compreensão mútua (ou pelo menos uma impressão de compreensão, no dizer de Sajavaara, 1987). (2002:8-9)

Uma discussão como esta faz com que tenha que haver não apenas negociação em nível de aparência para uma compreensão, ou mesmo “impressão de compreensão”, mas também faz com que as/os falantes tenham que negociar com seus pré-conceitos, com os arraigados conflitos e tabus sociais que todas/os carregamos. Além da própria negociação consigo mesma/o, a/o falante terá que negociar com as/os colegas, em busca de interação e em busca de atingir um objetivo comum: a reflexão sobre o respeito para com a diversidade sexual, principalmente no que tange as mulheres.

Na série de TV americana *A Sete Palmas*, além de um casal gay ter um papel de destaque, há um episódio que costumamos usar que não trata necessariamente do homossexualismo, mas fala da construção de identidades sexuais. Neste episódio, uma moça, à noite, é perseguida por três rapazes que gritam ameaças sexuais. Ela passa a correr,



e só pára quando um dos moços chama seu nome. Nesse momento, um carro a atropela e ela morre. O que era para ser apenas uma brincadeira (afinal, os rapazes eram amigos da moça) acaba tragicamente. Ao conversar com os donos de uma casa funerária, a irmã da vítima diz: “Eles estavam todos em estado de choque que uma mulher pudesse se aterrorizar ao ser perseguida por um grupo de homens à noite”. No velório, um dos rapazes homenageia a amiga, dizendo que ela era a pessoa mais corajosa que conhecera, e que nunca a tinha visto com medo antes. E pede desculpas por ter representado um papel que não era o dele. Esse episódio gera excelentes debates sobre os papéis de homens e mulheres na sociedade. O que mais impressiona é que praticamente toda mulher tem uma história para contar em que foi vítima ou quase vítima sexual. Este medo faz parte da construção da mulher.

Usamos também três tiras do cartoon político *Doonesbury*, de Gary Trudeau, para levantar discussões sobre aceitação da homossexualidade. Nessas tiras, Mark, um locutor de rádio, e Chase, um assessor político conservador, formam um casal gay. Mark decide que, já que eles estão juntos faz tempo, é hora de apresentar Chase a seu pai homofóbico, que não aceita a sexualidade do filho. Na reunião nada amigável que se segue, Mark repara que as opiniões do pai convergem com as de Chase, que preferiria não sair do armário. Essas tiras, além de indicadas para grupos avançados que querem melhorar seu vocabulário e aprender novas expressões idiomáticas, despertam uma polêmica saudável. Perguntamos aos alunos como eles reagiriam se seu filho ou filha fosse homossexual. Nessa hora os preconceitos ficam bem evidentes, e geralmente uma boa parte responde que “preferiria não saber”. Quase sempre há algum aluno não-homofóbico que cutuca a situação, perguntando: “Seu filho tem um relacionamento estável há anos e você nem iria querer conhecer o parceiro dele?!”. As tiras também abrem debates sobre o poder econômico de casais gays, a

legalização do “casamento gay”, possibilidades de adoção, e vários outros tópicos. Às vezes, há um aluno tão abertamente homofóbico na sala, que faz comentários tão escandalosos (como, por exemplo, que os gays estão no mundo para provocar os heterossexuais, e merecem ser punidos por isso), que ele causa os outros alunos a reverem seus preconceitos. Cabe a nós, professoras, mediar esse debate.

Um documentário extremamente interessante é *The Celluloid Closet*, inédito no Brasil. O filme fala de como o homossexualismo vem sendo retratado por Hollywood, desde a invenção do cinema até 1995, data em que o documentário foi lançado. Traz vários depoimentos de ativistas gays e de celebridades que, de maneira geral, criticam o tratamento discriminatório dado à homossexualidade por Hollywood. Muitos desses trechos de entrevistas merecem ser mostrados aos alunos que, via de regra, não haviam parado para pensar nessa representação discriminatória e como ela afeta sua (in)tolerância. Afinal, seduzidos pelas imagens, é comum que alunos acreditem que filmes como *300* sejam representações históricas fiéis. Um documentário como *Celluloid Closet* oferece bons pontos de partida para que essa fé cega no cinema e essa “naturalização” possam ser discutidas.

Há inúmeros outros exemplos de filmes que podem suscitar debates sobre diversidade sexual nas aulas. Um grande sucesso de bilheteria como *X-Men 3* fala de uma vacina que “cura” mutantes, numa metáfora bastante óbvia ao homossexualismo. *Longe do Paraíso* e *Meninos Não Choram* tratam de como é viver escondendo sua identidade num mundo intolerante. Tanto *Tróia* quanto *Alexandre* oferecem boas idéias de como a sexualidade era exercida antes da implantação da culpa cristã, e assim por diante.

Acreditamos que as professoras poderão ser as catalizadoras do processo de rompimento do silêncio e das políticas do silêncio, trabalhando com esse tema tão polêmico

a partir dos diferentes discursos que circulam pela sociedade. O ensino não é mais transmissão de saberes da professora em direção ao aluno. Este traz para a sala de aula suas experiências, sua visão de mundo, assim como seus companheiros e sua professora. Desta forma a professora poderá utilizar esses saberes para ajudar a romper o silêncio e questionar a política do silenciamento em relação à homossexualidade, na tentativa de contribuir com as discussões sobre respeito, ética e cidadania que devem ser desenvolvidas no ambiente escolar. E as aulas de inglês estão longe de formar uma galáxia distante, sem conexão com o universo escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Apud Savajaara, K. “Cross-linguistic and Cross-Cultural intelligibility”. Mimeo. Trabalho apresentado na mesa-redonda Language and Linguistics. Univ, de Georgetown, 1987. Campinas, SP: Pontes, 3ª. Ed., 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação/Ministério da Saúde *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual / elaboração / organização e revisão de textos: Cláudio Nascimento Silva e Ivair Augusto Alves dos Santos.; Comissão Provisória de Trabalho do Conselho Nacional de Combate à Discriminação da Secretaria Especial de Direitos Humanos. – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.*

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, 106 p.*

“Castidade e Homossexualidade”. Amigos da Família Brasileira, 2003.  
<<http://br.geocities.com/amigosdafamiliabr/cic.htm>>Visto em abril 2007.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: esta nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DALDRY, S., dir. *The Hours*. Paramount/Miramax. EUA/Inglaterra, 2002.

ENGLER, M., dir. “The Eye Inside”. *Six Feet Under*, Terceira temporada, Episódio 3. HBO. EUA, 2003.

EPSTEIN, R. & FRIEDMAN, J., dir. *The Celluloid Closet*. Brillstein-Grey Entertainment, Columbia. EUA, 1995.

HAYNES, T., dir. *Far from Heaven*. Clear Blue Sky Productions, Focus. EUA/França, 2002.

PEIRCE, K., dir. *Boys Don't Cry*. Hart-Sharp Entertainment, Fox Searchlight. EUA, 1999.

KATZ, J. N. *A invenção da heterossexualidade*. Trad. Clara Fernandes . Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ORLANDI, E. *As formas do silêncio*. São Paulo: Editora da Unicamp, 3ª. ed., 1994.

PETERSEN, W., dir. *Troy*. Warner. EUA/Inglaterra, 2004.

RATNER, B., dir. *X-Men: The Last Stand*. 20th Century Fox. EUA/Inglaterra, 2006.

SNYDER, Z., dir. *300*. Warner. EUA, 2006.

STONE, O., dir. *Alexander*. Warner. EUA/França/Alemanha/Holanda, 2004.

TRUDEAU, G. B. *Planet Doonesbury*. Kansas City: Andrews McMeel Publishing, 1997.